

O SAMBA NA CONSTITUIÇÃO DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E CONFORMAÇÃO DE TERRITORIALIDADES NA CIDADE DE SÃO PAULO

Alessandro Dozena ⁴⁴

RESUMO

Este artigo analisa o processo de implantação e consolidação do samba na cidade de São Paulo, desde a sua presença inicial nos bairros centrais até a posterior dispersão em direção aos bairros marginais. Acompanhando este processo, a população negra que saiu das áreas rurais e migrou para a capital paulista trouxe consigo a tradição do batuque rural, que foi gradativamente incorporado ao samba no contexto urbano. Com a intensificação do crescimento urbano, houve a expulsão dos segmentos sociais mais pobres e a disseminação do samba para outros bairros paulistanos. Após um itinerário histórico, o artigo é concluído com uma reflexão sobre a “Fábrica dos Sonhos”, projeto recém anunciado pela prefeitura da cidade de São Paulo e que deverá se conformar em um relevante território da indústria do carnaval paulistano.

Palavras – Chave: Samba, urbanização, história de São Paulo, bairros, identidade

THE SAMBA IN THE CONSTITUTION OF THE PROCESS OF URBANIZATION AND FORMATION OF TERRITORIALITIES IN SAO PAULO CITY

ABSTRACT

This article analyzes the implantation and consolidation of samba in Sao Paulo city, since its initial presence in the central neighborhoods until the subsequent dispersion towards the marginal neighborhoods. In such process, there is the presence of the black population who has left the rural areas and migrated to the capital of Sao Paulo State, brought the tradition of rural

⁴⁴ Professor da Universidade Paulista – UNIP, doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo – USP e pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Email: sandozena@usp.com.br

drumming that was gradually incorporated to the samba in an urban context. In this way, through the intensification of urban growth the expulsion of the poorer social segments of central areas and the spread of samba to other neighborhoods from São Paulo happened. The article is concluded with a reflection about the “Factory of Dreams”, project recently announced by the city hall of Sao Paulo and that will conform in a relevant territory of the paulistana carnival industry.

Key-words: Samba, urbanization, history of Sao Paulo, neighborhoods, identity

INTRODUÇÃO

O samba proveniente da zona rural paulista e que na cidade de São Paulo incorporou algumas características urbanas, constitui um elemento marcante da história da capital paulista, com profundas implicações na compreensão de seu processo de urbanização e conformação de territorialidades⁴⁵.

No último quartel do século XIX, por sua estrutura, rede de transportes e centralidade financeiro-comercial, a cidade de São Paulo apontava para o que seria a metrópole que se firmaria em meados do século XX. Desde aquela época, alguns bairros paulistanos estiveram tradicionalmente relacionados a redutos de sambistas, onde surgiram os primeiros cordões carnavalescos que posteriormente se transformaram em escolas de samba. Também nestes bairros, a convivência entre segmentos raciais e étnicos heterogêneos foi a base para a organização dos primeiros territórios de samba na cidade.

Ao longo dos anos, o processo de implantação e consolidação do samba paulistano foi acompanhado por usos territoriais diferenciados e definidos por interesses também distintos, muitas vezes amparados pelas festas carnavalescas, que ditaram a forma de apropriação do espaço e do tempo na capital paulista. Nesse sentido, a

⁴⁵ Vale lembrar que existem várias abordagens acerca do conceito de territorialidade e, nem sempre, aquela que envolve as ações de demarcação e controle do espaço geográfico derivado de relações culturais, políticas e econômicas, permite a compreensão das redes de sociabilidade. Estas, muitas vezes, não se enquadram na lógica de poder predominante, pois o território também é apropriado simbolicamente, e as relações sociais produzem ou fortalecem uma identidade que utiliza o espaço como referência. Neste artigo, consideramos a existência de territórios do samba e de territórios da indústria carnavalesca, estes últimos mais voltados às ações de demarcação e controle do espaço geográfico; ainda que ambos estejam dialeticamente relacionados.

formação das “raízes territoriais” do samba na cidade de São Paulo acompanhou o uso específico do seu território em cada momento, sendo o samba um dos principais mediadores da construção da identidade da população negra. Nesse ponto, destaca-se o fato de que “o território pode ser visto pela análise geográfica como um nexos totalizador, que reintegra a unidade dos sub-campos da geografia humana, articulando no movimento histórico de sua formação os processos e fenômenos específicos” (MORAES, 2001, p. 47). Esse é o principal objetivo deste artigo, o de procurar entender alguns processos e fenômenos específicos relacionados à formação das “raízes territoriais” do samba paulistano, demonstrando a relevância das políticas territoriais na expansão do samba e na conformação de territorialidades no atual período histórico.

AS “RAÍZES TERRITORIAIS” DO SAMBA PAULISTANO

Eu era menino, mamãe disse vamo embora Você vai ser batizado-no samba de Pirapora

Mamãe fez uma promessa Para me vestir de anjo

Me vestiu de azul-celeste Na cabeça um arranjo Ouviu-se a voz do festeiro

No meio da multidão Menino preto não sai aqui nessa procissão

Mamãe, mulher decidida Ao santo pediu perdão Jogou minha asa fora

E me levou pro barracão Lá no barraco Tudo era alegria Nego batia na zabumba

E o boi gemia Iniciado o neguinho Num batuque de terreiro

Samba de Piracicaba Tietê e Campineiro Os bambas da Paulicéia

Não consigo esquecer Fredericão na zabumba Fazia a terra tremer

Cresci na roda de bamba No meio da alegria Eunice puxava o ponto

Dona Olímpia respondia Sinhá caía na roda Gastando a sua sandália

E a poeira levantava Com o vento das sete saias Lá no terreiro

Tudo era alegria Nego batia na zabumba E o boi gemia

Lá no terreiro Tudo era alegria Nego batia na zabumba E o boi gemia.

Música: *Batuque de Pirapora* – Geraldo Filme

Esta composição evidencia a importância da cidade paulista de Bom Jesus de Pirapora (hoje chamada de Pirapora do Bom Jesus), que a partir da segunda metade do século XIX atuou como um importante local de encontro dos negros que para lá se dirigiam em toda primeira quinzena de agosto, quando ocorriam os festejos em

homenagem ao patrono da cidade. Por outro lado, a composição narra o preconceito racial vivenciado por Geraldo Filme, importante sambista paulistano, quando ainda era criança.

Nesta festa religiosa, os romeiros provenientes não só do estado de São Paulo como principalmente de Minas Gerais e Paraná costumavam se encontrar. Um pouco distante da cidade havia dois barracões abandonados, anteriormente ocupados por seminaristas, onde ficavam alojados os negros, em um ambiente bem descrito pelo folclorista Mário Fagner da Cunha:

A festa de Bom Jesus de Pirapora tem um aspecto religioso e outro profano. À noite a Igreja não chega para conter as pessoas, todavia, há muita luz e muito barulho. São os negros a sambar, puxados a sanfona que começam a se animar. É a festa profana, que deve durar até alta madrugada (CUNHA, 1937, p. 5).

Esse mesmo autor explica que a decadência da Festa de Bom Jesus de Pirapora se deu devido às pressões exercidas pela Igreja Católica, além da repressão policial realizada para frear as manifestações dos negros nos festejos, o que culminou com a proibição definitiva do samba nos barracões onde estes se reuniam para cantar e dançar, no ano de 1937. Aqui cabe observar que, preocupada com a expansão das manifestações dos negros consideradas profanas, a Igreja Católica ordenou a demolição dos barracões.

Foto 1 – Barracão de romeiros em Pirapora do Bom Jesus – São Paulo



Fonte: Márcio Marcelino Michalczuk, 2008.

Feitas estas colocações, vale agregar à análise o fato de que embora o samba já acontecesse em algumas áreas da cidade de São Paulo, é a partir dos elementos rurais provenientes do interior do estado que ele se configura e se impregna de influências rítmicas e melódicas, primeiramente manifestadas nos ranchos e cordões carnavalescos que aí se organizaram.

Assim sendo, ao mesmo tempo em que a cidade se urbanizava, recebia a contribuição dos negros provenientes das cidades interioranas, onde as concentrações de comunidades escravizadas permitiram a estruturação do samba nos espaços rurais, a partir do batuque, do tambú e das danças de umbigada. Neste ponto da argumentação, é interessante assinalar que a própria prática do samba atuava como estética para a criação artística, para o suprimento das necessidades emocionais e a afirmação dos valores dos negros escravizados, além de destoar do discurso oficial da época e incomodar pelo tipo de musicalidade que trazia.

Com o samba, os negros buscavam formas de acalmar a angústia resultante das sucessivas espoliações sofridas no “cativeiro da terra”, sobretudo nas ocasiões em que aconteciam boas colheitas de café e eram organizadas as festas de comemoração nas senzalas, ocasião em que era consentido o batuque e a umbigada. Já no século XVII, registra-se o relato de Zacharias Wagener, soldado e posteriormente escrivão de Maurício de Nassau (entre 1637 e 1644), no qual descreve o acontecimento festivo após a semana de trabalho, acompanhado por danças, músicas e batuques:

Quando os escravos terminam sua estafante semana de trabalho, lhes é permitido então comemorar ao seu gosto os domingos, dias em que, reunidos em locais determinados, incansavelmente dançam com os mais variados saltos e contorções, ao som de tambores e apitos tocados com grande competência, de manhã até a noite e da maneira mais descontraída, homens e mulheres, velhos e moços, enquanto outros fazem voltas, tomando uma forte bebida feita de açúcar chamada garapa; e assim gastam também certos dias santificados, numa dança ininterrupta em que se sujam tanto de poeira, que às vezes nem se reconhecem uns aos outros (TINHORÃO, 1998, p. 28).

Conforme demonstrado pelos estudos de Olga Simson (1989), a origem do samba paulistano provém do interior do estado e está associada às práticas da população negra escravizada nas fazendas de café. A partir delas, o samba de roda, o samba de

bumbo e o samba-lenço eram praticados ao som de tambores, também utilizados no jongo e no lundu, cavados com fogo nos troncos de árvores e recobertos com couro de animais.

Foto 2 – Samba-lenço em terreiro de Rio Claro, São Paulo.



Fonte: Coleção particular de Rodolpho Copriva, 1955.

Assim sendo, os escravizados que saíram das áreas rurais e vieram para a cidade de São Paulo trouxeram a tradição do batuque rural, que foi sendo gradativamente incorporado ao samba já em um contexto urbano, nos três territórios negros da São Paulo da primeira metade do século XX: Bexiga, Baixada do Glicério e Barra Funda (Simson, 1989). De todo modo, não se pode concluir que antes desta migração campocidade nada havia de samba na cidade de São Paulo, mas sim que a partir dela as rodas de tiririca (um tipo de capoeira sambada) e as rodas de samba, ganharam a importante contribuição do samba retumbado nos cafezais do interior do estado, marcadamente ritmado pelo som grave do bumbo⁴⁶.

Além disso, deve-se lembrar que o samba surgiu como resistência e protesto à condição sócio-econômica pesadamente vivenciada pelos negros. Sendo assim, a sua conformação na cidade de São Paulo também esteve associada com a manifestação religiosa desta população, em um ambiente onde os aspectos ligados ao profano e ao sagrado conviviam lado a lado.

⁴⁶ Sobre o tema ver o segundo capítulo de: MORAES, José Geraldo Vinci de. As sonoridades paulistanas: A música popular na cidade de São Paulo – Final do século XIX ao início do século XX. Rio de Janeiro: Funarte, 1995. Sobre a trajetória que o samba percorreu, do contexto rural para o urbano, ver: MARCELINO, Márcio Michalczuk. Uma leitura do samba rural ao samba urbano na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008.

Neste ponto da argumentação, vale lembrar que além das religiões afro-brasileiras, o catolicismo teve grande importância na organização dos primeiros cordões carnavalescos no Brasil. Segundo Simson (1989), nas primeiras décadas do século passado, era dada permissão policial para a ocorrência dos desfiles dos cordões, na medida em que estes se organizavam ao modo das procissões habituais presentes nas festas religiosas desde o século XIX. Como explica a autora:

Esses embriões de associações não surgiram de repente, do nada, pelo simples fato de famílias negras estarem morando próximas (...) Deveria haver indicações de experiências festivas anteriores, reunindo essa população, que formassem uma espécie de bagagem para a criação dessas entidades carnavalescas (...) Foi certamente essa vivência festiva, repetida anualmente, que permitiu à população negra paulistana elaborar seus folguedos carnavalescos, baseada em espaços urbanos que lhe eram próprios, em grupos musicais existentes e em experiências profano-religiosas anteriores (SIMSON citada por MORAES, 2000, p. 143).

Na cidade de São Paulo, os locais onde a população negra passou a se reunir, especialmente nos momentos festivos, foram a cercania da Igreja dos Enforcados no Largo da Liberdade, a Igreja da Santa Cruz no bairro do Glicério e a Igreja da Achiropita no bairro do Bexiga. Como coloca Simson (1989), a Capela de Santa Cruz das Almas dos Enforcados reunia grande parte da população pobre e negra da época, em decorrência de por lá ter sido enforcado o cabo revoltoso Francisco José das Chagas (o Chaguinhas), contrariando a vontade do povo. “Conta-se que na primeira e na segunda tentativa de enforcamento a corda se rompeu, o que teria sido um sinal da vontade de Deus não respeitada pelo governo, que mesmo assim mandou executar o réu” (SIMSON, 1989, p. 86).

Nesse quadro, outro aspecto interessante era a questão da moradia da população negra recém-alforriada ou fugitiva chegada a São Paulo, que em grande parte se estabeleceu no bairro do Bexiga, conforme explica Pentead, diretor da escola de samba Vai-Vai:

Quando os tropeiros vinham do interior paravam ali onde atualmente está a Praça da Bandeira (...) Havia um entreposto com vários tipos de

especiarias e escravos (..) Alguns escravos fugiam de lá e vinham para cá, para esta região, o Alto do Caagaçú como era chamado na época, pois tinham uma visão boa de quem viesse atrás deles para capturá-los (...) Então se formou um quilombo aqui que ficou sendo chamado de Quilombo da Saracura (...) O pessoal que morava por aqui era chamado de saracura, porque tinha o brejo do rio com muitas saracuras (Penteado, entrevista realizada em 24/10/2007).

Fotos 3 e 4 – Fotos de 1860 e 1864 respectivamente
Largo do Piques (atual Praça da Bandeira), local de hospedaria de tropeiros,
leilão de escravos e feira de mercadorias.
Fonte: Coleção Ítalo Bagnoli. DIM-DPH-SMC



Até a década de 1890, essa região descrita por nosso entrevistado ainda se encontrava pouco ocupada e era pontuada por campos, pastos e chácaras. Dentre as principais estavam a Chácara do Bexiga⁴⁷, pertencente a Fernando de Albuquerque. Mais a sudoeste, “beirando o Anhangabaú, os campos do Estaleiro Bexiga e mais ao longe o Sítio do Sertório. A oeste, a Chácara de Martinho da Silva Prado, onde ficava o

⁴⁷ Atualmente, o bairro do Bexiga pertence oficialmente ao distrito da Bela Vista. Coimbra citada por Torres (1998) afirma que ainda hoje muitos moradores fazem questão de escrever Bixiga com “i”, tal como se pronuncia. No início do século alguns italianos repudiaram a mudança do nome do bairro para Bela Vista, contrariando a solicitação feita por ingleses que também habitavam a área. Há os que atestam que a denominação Bexiga provém de uma epidemia de varíola ocorrida no século XVIII. Outros a associam à existência de um matadouro localizado na região, onde se vendia “bexiga” de boi; outros, ainda, ao sobrenome de Antonio Manoel Bexiga, dono da chácara em que o bairro se constituiu.

Tanque Reúno ou do Bexiga” (BRUNO, 1954, p. 205). O adensamento populacional somente começou a ser registrado quando, entre os anos de 1880 e 1890, iniciou-se o processo de loteamento dessas áreas. Observa-se claramente este processo no anúncio publicado pelo Correio Paulistano em 28/03/1881, abaixo reproduzido:

Uma pechincha lucrativa
Roberto Tavares
Vende sabbado 30 do corrente
Ás 5 horas da tarde
Por conta e ordem de quem pertencer
Terrenos promptos para edificar
Situados no Bexiga junto ao
Tanque Reuno, 5 minutos da cidade
Estes bel issimos terrenos constam de
30 braças de frente sobre mais de
35 de fundo, banhado pelas águas do
Tanque Reúno.
Um chafariz
De bella e excellente água nativa,
Dando maios de 50 pipas por dia,
é o que ali ha de mais lucrativo.
O terreno é todo cercado por fio inglez e postes.

Além do Bexiga, a população negra estabeleceu-se em outros bairros que rapidamente se dinamizavam, acompanhando a importância econômica adquirida pela cidade de São Paulo que, desde a segunda metade do século XIX, passou a representar a nova cidade pujante no Brasil, classificada por Pierre Mombeig (1953) como a “Capital dos Fazendeiros”. Nesse momento, já se pronunciava a polarização que se consolidaria no século XX:

Os desdobramentos do complexo cafeeiro e o aumento dos negócios levaram fazendeiros, empresários comerciais e industriais, funcionários do governo, além do caudal de imigrantes que vinham se assalariar ou tentar algum negócio por conta própria, a fixar residência na capital. A cidade de São Paulo perdia sua aparência primitiva e

homogênea, começando a dar uma impressão cosmopolita de abrigar várias cidades em uma só (PEREIRA, 2004, p.13).

Para auxiliar este processo, há com o declínio da economia cafeeira o incentivo da migração de famílias de negros para a capital, atraídas pelo promissor mercado de trabalho fomentado pelo processo de transformação da sociedade da época, de escravista para de trabalho livre e assalariado. Neste contexto e momento é que o samba se consolida na cidade, tendo como matrizes as características rurais trazidas pelos que chegavam do interior e se tornavam mão-de-obra braçal e barata. Em um espaço urbano em expansão, os diferentes hábitos culturais se entrecruzavam na configuração do samba paulistano, a exemplo da co-influência que se deu entre a cultura italiana e a negra no bairro do Bexiga⁴⁸.

Como já expressei, em um primeiro momento estas famílias de negros se concentraram destacadamente no Bexiga, na Baixada do Glicério e na Barra Funda. Procedendo-se a um levantamento da presença dos negros nestas áreas, percebe-se que ali existiam moradias que funcionavam como pontos de encontro, vislumbrando-se redes de sociabilidade, laços de parentesco, amizade, compadrio e relações afetivas informais que marcavam a vida social e o processo de resistência nesta época. A respeito dessa resistência, as mulheres negras tiveram um importante destaque, como aponta Penteadó:

A mulher negra teve um papel muito importante (...) Não existiam muitas frentes de trabalho para os homens negros (...) A mulher era lavadeira, passadeira, cozinheira, entendeu ? (...) Para sustentar a família e fazer samba, era a mulher que levava o dinheiro e o livro de ouro para os seus patrões assinarem (...) Minha avó por exemplo trabalhava como quituteira para um barão de café (...) Então ela levava o livro de ouro para o pessoal assinar (...) Também a mulher é que segurava a religiosidade, o candomblé (...) Os terreiros de candomblé eram terreiros de samba também (...) Então se ia para dentro do terreiro para fazer samba e a polícia vinha, para acabar com o samba, mas diziam que o estavam fazendo era culto religioso (...) E quando a polícia vinha para acabar com o culto diziam que estavam fazendo

⁴⁸ Para o aprofundamento desta questão ver: CASTRO, Márcio Sampaio de. Bexiga: um bairro afro-italiano. São Paulo: Annablume, 2008, 108 p.

samba (...) E as mulheres sempre se punham à frente, se não fossem elas eu não sei se o samba sobreviveria (...) Elas que seguraram... (Penteado, entrevista realizada em 24/10/2007).

Em particular, é a proximidade que no século XIX marcou a trajetória da fixação dessa população que, ao longo dos anos, deslocou-se com expressividade das áreas mais centrais em direção às regiões adjacentes da cidade, no geral ainda pouco povoadas e com grande disponibilidade de terrenos. O trecho abaixo bem elucida essa movimentação:

Conforme foi chegando o progresso, a cidade foi “embranquecendo” (...) Ali onde hoje está a Câmara Municipal era tudo sobrado de cortiços onde moravam os negros (...) Então a cidade foi crescendo e “embranquecendo” (...) Este é o termo certo, pois os negros foram jogados para a Bela Vista e a Barra Funda, em um segundo momento para a Casa Verde, Limão e Freguesia do Ó e em um terceiro momento para o Grajaú, Cidade Tiradentes e Tatuapé (...) Estou te explicando isto porque o samba ia junto, entendeu ? (...) Aqueles sambistas que moravam por aqui foram para outras áreas da cidade e levaram o samba junto com eles (Penteado, entrevista realizada em 24/10/2007).

Sobre este ponto, é interessante notar que os proprietários das residências controlavam a habitação nos cortiços (que surgem como locais de moradia coletiva), mediante uma vigilância exercida por eles próprios:

Bairros como a Bela Vista (Bexiga), Santa Ifigênia e Liberdade representavam áreas com grande concentração de cortiços. Nessas habitações eram fortes os laços de vizinhança. Essa proximidade fortalecia a solidariedade orgânica no interior desses bairros. Por sua vez, os proprietários, que viviam no mesmo prédio nas partes mais privilegiadas, exerciam uma significativa vigilância sobre os costumes e sua conservação (SCARLATO, 2004, p. 257).

O contato com as fontes, principalmente os textos referentes à cidade do século XIX, demonstra que em São Paulo as distinções sociais ainda não se reproduziam espacialmente, como ocorrerá no século XX a partir da conformação dos “bairros paulistanos nobres”. Assim sendo, cabe observar que a população mais pobre residia muito proximamente às famílias mais abastadas, a quem serviam como pedreiros, marceneiros, empregadas domésticas, vendedores ambulantes, trabalhadores braçais, quituteiras, dentre outras atividades. Isto ocorria, por exemplo, no Morro dos Ingleses, situado na parte mais alta da Bela Vista, onde se instalou a parcela rica dos moradores composta por fazendeiros de café e investidores ingleses, em oposição aos negros e italianos que habitavam a região mais baixa, como a Rua Treze de Maio; local onde acontecia a festa de Santa Cruz e os negros libertos comemoravam a abolição (Coimbra citada por Torres, 1998).

No entanto, esta proximidade não eliminava as desigualdades sociais e os preconceitos, pois havia um monitoramento assíduo dos sambistas para se evitar a “bagunça” nas ruas, em práticas sucessivas de cerceamento de suas ações e usos territoriais⁴⁹.

Vale lembrar que neste momento os negros da classe média e alta não podiam freqüentar os clubes da elite, levando-os a fundarem em 1961 a Associação Aristocrata Clube no bairro de Santo Amaro. Já que a aristocracia paulistana não os aceitava em seus clubes, um grupo de jovens atletas, intelectuais, compositores, sambistas e indivíduos de outros segmentos da sociedade negra resolveram criar o seu próprio⁵⁰.

Fotos 5 e 6 – Eventos sociais no Aristocrata Clube

⁴⁹ Em todos os anos, no dia 20 de novembro, é realizada a “Marcha do Dia da Consciência Negra”. Além de lembrarem a morte de Zumbi, os participantes costumam percorrer treze locais da cidade de São Paulo em alusão aos 13 de Maio, dia da assinatura da Lei Áurea. É interessante notar que a comunidade negra assegura ter perdido o direito de uso territorial desses locais: praças públicas, igrejas, terrenos, dentre outros.

⁵⁰ Sobre esta questão assistir o documentário “Aristocrata Clube” de Jasmin Pinho e Aza Pinho – Itaú Cultural 2004, o qual relata por depoimentos, fotos e imagens, a história do glamoroso clube da zona sul de São Paulo, revelando aspectos da resistência efetuada pelos negros que obtiveram ascensão econômica e política na época. É interessante observar que o clube se apropriou de símbolos da aristocracia branca, reproduzindo-os para que houvesse a afirmação social como negros (o termo “Aristocrata” é exemplar). O documentário também evidencia a crise atual do clube, contrapondo-se com a pujança obtida nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Para uma análise comparativa com um clube carioca, ver: MELLO, João B.F.; PAIXÃO, Aimeé L.R. Renascença Clube: Um símbolo da negritude carioca. In: Anais do 18º UERJ Sem Muros, Rio de Janeiro, 2007.



Fonte: Memorial Virtual, consultado em agosto de 2007.
www.memorialvirtual.com.br

Com o passar dos anos, a segregação sócio-espacial foi se acentuando e a cidade passou a ser vivenciada de modo distinto pelos vários segmentos sociais nela presentes. Como consequência, evidenciou-se a posição de marginalidade da população negra, sobretudo com relação à sua religiosidade, expressão musical, moradia e tipo de ocupação exercida. Nesse sentido, dentre as alternativas criadas pelas comunidades negras para amenizar as situações de injustiças e desigualdades resultantes deste contexto social discriminatório e hierarquizado, encontrou-se o ingresso nas irmandades e confrarias de pretos e pardos:

A origem das irmandades religiosas é encontrada no período medieval e surgiu a partir do modelo das corporações de ofício, que atendiam aos interesses profissionais de seus integrantes, mas tinham também como objetivo a assistência mútua entre seus membros. Enquanto as corporações limitavam o seu auxílio aos próprios membros, as irmandades eram formadas por leigos, sem restrições de qualificação profissional e, até mesmo, sem distinção social (MESGRAVIS *citada por* QUINTÃO, 2002, p. 73).

Segundo Quintão (1991), as Irmandades e Confrarias presentes em São Paulo no final do século XIX foram importantes focos de solidariedade e resistência, congregando membros ativos do movimento abolicionista liderados por Antônio Bento, também conhecidos como caifazes. Quintão avalia que:

Além das atividades religiosas que se traduziam na organização de procissões, festas, coroação de reis e rainhas, as Irmandades também

exerciam atribuições de caráter social como: ajuda aos necessitados, assistência aos doentes, visita aos prisioneiros, concessão de dotes, proteção contra os maus tratos dos senhores e ajuda para a compra da carta de alforria. A mais famosa dentre as inúmeras irmandades de pretos é a de Nossa Senhora do Rosário (QUINTÃO, 2002, p. 75).

Embora houvesse a coabitação em mesmos espaços, em muitas ocasiões, a proximidade entre os segmentos sociais e raciais heterogêneos vinha acompanhada de hostilidades, a exemplo da proibição de que os negros freqüentassem as mesmas igrejas que o segmento sócio-econômico dominante. Até mesmo no Bexiga, bairro fortemente marcado pela presença negra, encontravam-se placas de aluguel de quartos com as seguintes palavras: “Aluga-se quarto, não se aceita pessoa de cor” (BARBOSA citado por MOURA, 1988, p. 216).

Assim, as moradias de negros localizavam-se em quase todas as ruas da cidade, intercaladas a sobrados e a casas térreas, em dispersões que vão mudando de sítio em função da remodelação urbana intensificada a partir das últimas décadas do século XIX. Esta coexistência com o segmento médio e alto também envolvia os imigrantes europeus e asiáticos, que conforme chegavam iam se encontrando em bairros como a Barra Funda (ocupação favorecida pela proximidade da linha e da estação de trem), Baixada do Glicério (que desde aquela época até hoje apresenta o alagamento de suas ruas em dias muito chuvosos e por isso teve seus terrenos desvalorizados com o decorrer dos anos), Bela Vista (Bexiga) e Liberdade; além das ruas transversais às principais.

Nesse sentido, Rolnik (1981) observa que no início do século XX a elite econômica ainda ocupava as áreas próximas às ruas São Bento, XV de Novembro e Direita. Só que com o aumento da vocação comercial do centro, houve uma gradativa transferência desta elite para as chácaras dos Campos Elíseos, bairro vizinho, onde alguns casarões foram construídos para que houvesse a instalação de órgãos governamentais e das famílias dos barões de café, a exemplo do Palácio do Governo. Posteriormente, a elite “subiu” para o Morro dos Ingleses, situado próximo a elegante Avenida Paulista; e Jardins, situado no lado oposto da encosta. À medida que o crescimento urbano se intensificou, aumentou a expulsão dos segmentos sociais mais pobres e a elite impôs sua presença na região central, buscando apropriar-se do território com medidas de cerceamento impostas:

Quando a Bela Vista começou a se desenvolver, os negros foram primeiramente para a Casa Verde, que era um bairro distante (risos), havendo um embranquecimento, falando de uma forma bem popular né, ou no linguajar da época, começou a se limpar o centro ... (...) Disseram que tinham que tirar a negrada dali (...) E assim quando fizeram a COHAB José Bonifácio lá no Grajaú, umas das primeiras (...) muita gente nossa foi para lá, ou para a Cidade Tiradentes, assim como também muita gente saiu da Barra Funda e Bom Retiro (...) No bairro da Casa Verde, muitos negros trabalhavam na extração de areia dos rios lá existentes (Penteado, entrevista realizada em 24/10/2007).

Para continuar a argumentação, faz-se importante verificar quais foram os fatores que conduziram a expansão territorial do samba na cidade de São Paulo, para que as reflexões capturem a correlação existente entre as políticas territoriais e o movimento das escolas de samba e dos sambistas na totalidade do espaço geográfico paulistano.

POLÍTICAS TERRITORIAIS E A EXPANSÃO DO SAMBA NA CIDADE DE SÃO PAULO

As transformações ocorridas no centro da capital paulista implicaram em uma ampla reformulação da cidade, ao passo que muitos cortiços e moradias pertencentes à população negra foram sendo destruídas, expulsando-a para locais remotos. Deste modo, houve o gradativo deslocamento desta parcela populacional para as áreas marginais, com destaque para aquelas situadas na região norte, como explica o importante sambista paulistano:

De uma hora para outra surgiu a ordem de que os pobres não poderiam mais ocupar os porões e então os meus parentes tiveram que comprar terreno para os lados do Peruche, onde estavam vendendo barato (...) Todos os que eram pobres, tanto os brancos como os negros, tiveram que sair (Toniquinho Batuquero, Samba à Paulista, 2007, parte II, 42'56").

Com isso, intensificou-se a expropriação do uso territorial pela população mais pobre, que como visto anteriormente, ocupava as áreas centrais no início da formação da cidade de São Paulo. Esse processo a leva às áreas mais distantes, onde o acesso ao terreno e a moradia era economicamente mais viável. Ao mesmo tempo, a implantação de grandes infra-estruturas urbanas e o processo de reforma urbana irá impulsionar a expansão urbana periférica. Acerca deste assunto, Francisco Scarlato comenta:

O Brás, a Bela Vista e a Liberdade foram retalhados por viadutos e avenidas. Um número muito grande de desapropriações para a construção de grandes obras não somente desfiguraram aquelas paisagens como acabaram expulsando parte significativa de sua população tradicional (SCARLATO, 2004, p.264).

Ao mesmo tempo em que ocorre o deslocamento da população mais pobre em direção aos bairros periféricos, as escolas de samba começam a ganhar força nesses bairros. Se antes estavam concentradas próximas à região central, passam também a se localizar em bairros situados além das marginais⁵¹.

Do ponto de vista das políticas de saneamento implantadas, ocorreu na cidade de São Paulo algo semelhante ao ocorrido no Rio de Janeiro: a busca da higienização da área central por meio da remoção da população pobre.

Em São Paulo, foram realizadas dezenas de intervenções no espaço urbano pelo poder público e privado, procurando-se estruturar, higienizar, regular, disciplinar e embelezar a cidade. Tudo isso, devido ao quadro de instabilidades marcado por conflitos e tensões sociais ocasionadas pelo descontrole nas ações urbanizadoras e nas políticas sociais implantadas (Moraes, 2000).

Com o passar dos anos, o rápido e desordenado desenvolvimento da cidade de São Paulo exigiu clareza nas ações e nas metas definidas, direcionadas às políticas de urbanização. A alteração deste direcionamento se deu na década de 1930, quando a postura da administração pública municipal rompeu com o descaso ao planejamento e passou a buscar análises e visões prospectivas para a cidade:

⁵¹ Cabe notar que as escolas de samba Vai-Vai, Camisa Verde e Branco e Lavapés continuam situadas no mesmo lugar onde surgiram, respectivamente no Bexiga, na Barra Funda e no Glicério.

Se as primeiras preocupações apareceram no governo Pires do Rio (1926-30), foi a partir de meados da década, nas gestões de Fábio Prado (1934-38) e Prestes Maia (1938-45), que os projetos urbanísticos saíram do papel e permitiram uma planejada intervenção do Estado no espaço urbano, criando condições para o desenvolvimento da “cidade industrial” (MORAES, 2000, p. 202).

A principal iniciativa do engenheiro Prestes Maia (posteriormente eleito prefeito da cidade) foi a criação do Plano de Avenidas, durante a gestão do prefeito Pires do Rio, com o intuito de permitir maior rapidez aos veículos, além de reduzir os congestionamentos na área central e abrir novas saídas (radiais) em direção às marginais dos rios Pinheiros e Tietê. Neste sentido, seu planejamento urbanístico para a organização da cidade visava:

O descongestionamento da região central por meio do sistema viário radial-perimetral, a reorientação do crescimento urbano em diversas direções, a descentralização dos espaços e dos serviços urbanos, a preferência pelo transporte de superfície, mais especificamente pelo automóvel público ou privado, a preocupação com a verticalização da cidade; e finalmente, a intervenção direta e indireta do Estado (MORAES, 2000, p.207).

Todas estas ações contribuíram para “levar a cidade” para além dos rios, mediante uma expansão urbana de tipo radial concêntrico, possibilitada pela presença das avenidas radiais e perimetrais⁵². Nesse sentido, foram sucessivas as transformações incitadas pelas ações da prefeitura, com destaque para o Plano de Avenidas elaborado por Prestes Maia. A capital paulista adquire uma “roupagem moderna”, privilegiando-se a acessibilidade e a fluidez dos automóveis, em um momento de expressivo acréscimo dos veículos automotores nas ruas. Nos transportes coletivos, os ônibus substituem gradativamente os bondes e se enquadram nas diretrizes do Plano de Avenidas, dentre elas, a de descentralizar e expandir a cidade para outros centros, “espalhando o movimento e as atividades, multiplicando-se os centros” (MAIA, 1930, p.6).

⁵² Para informações mais específicas sobre estas intervenções urbanas, consultar: MAIA, Prestes. *O Plano de Avenidas para a cidade de São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

Para Moraes (2000), as gestões municipais de Fábio Prado e Prestes Maia ainda tiveram como iniciativas: a construção do Estádio do Pacaembu, da Biblioteca Municipal, da Avenida 9 de Julho, do Túnel do Parque Trianon, a reforma do Viaduto do Chá, a retificação do rio Tietê, a canalização do rio Tamanduateí, a ampliação da rede de iluminação elétrica das ruas calçadas, além da melhoria dos sanitários públicos, das paradas de ônibus, dos túneis de pedestres e do escoamento fluvial.

Juntamente com o crescimento urbano vieram as contradições, demarcadas pelo desprezo aos prédios e monumentos antigos, além da já citada expulsão da população mais pobre dada pela valorização dos terrenos. É assim que, a partir do final dos anos 50 e início dos anos 60, inicia-se uma nova etapa de transformações urbanas que “refundam” São Paulo:

Em meados de um século, São Paulo ergueu três sítios urbanos diferentes, destruindo quase completamente dois deles. Daí Claude Lévi-Strauss ter afirmado em *Tristes Trópicos*, no ano de 1935, que São Paulo era uma cidade de ciclo rápido e perpetuamente jovem, mas nunca completamente sã (MORAES, 2000, p.214).

É interessante notar que neste momento, tomam conta de boa parcela da população paulistana os sentimentos nostálgicos daquela cidade que perdeu suas características mais naturais e saudáveis. Conforme Moraes (2000), implantava-se e sedimentava-se no imaginário dos paulistanos a noção da cidade que não parava de crescer e fugia do olhar e da vida de seus habitantes, rejuvenescendo-se “eternamente”.

Todos esses processos de alterações urbanas fizeram com que a área urbana de São Paulo extrapolasse o seu limite mais central, disseminando-se horizontalmente. Entretanto, cabe salientar que as políticas de urbanização levadas a cabo ficaram inicialmente restritas ao núcleo urbano central e que, a expansão frenética dos loteamentos na zona leste, oeste, norte e sul, revelaram as contradições desse desenvolvimento desigual e excludente; que marginalizava as áreas distantes e proporcionava lucros altos a partir da renda proveniente da venda de lotes.

Assim, por intermédio dos novos arranjos configurados nas periferias, os negros estabelecem pontos de encontro a partir das escolas de samba, dos campos de futebol de várzea, das rodas de capoeira, dos terreiros de candomblé e umbanda; concretizando uma presença marcante nestas áreas. Quanto a este ponto, é interessante assinalar que,

paulatinamente, foram conseguindo traduzir as suas manifestações em cultura popular, com dimensões compatíveis às do consumo de massa. Isto se dá exemplarmente na transformação dos cordões carnavalescos em escolas de samba voltadas ao espetáculo, fato que conduziu muitos sambistas a uma re-elaboração de seus próprios gostos, hábitos e práticas sociais da cultura do samba, em um consolidado e implacável “mercado cultural de massa”.

Igualmente, a população negra que migrou para as periferias marcará sua presença na cidade mediante outros tipos de relações significativas, como é o caso da criação de “redes de interesses políticos” organizadas segundo estratégias apoiadas na doação ou empréstimo de terrenos públicos. Esta prática de cessão de terrenos às escolas de samba facilitou a expansão territorial das mesmas, possibilitando a concretização de diferentes e peculiares formas de apropriações, nem sempre estabelecidas no entorno em que a escola se originou. Nesse sentido, é interessante notar o caso da Escola de Samba Rosas de Ouro, instalada fora de seu local de origem que é o bairro da Brasilândia, na região oeste da cidade:

A Rosas de Ouro é uma grande escola de São Paulo que se originou na Brasilândia e por isto a comunidade de lá se sentiu traída em decorrência da mudança desta para os arredores da Ponte da Freguesia do Ó, em um momento em que a prefeitura disponibilizou terrenos para algumas escolas de samba, situados próximos à Marginal do Rio Tietê (Lino, entrevista realizada em 29/11/2006).

A necessidade de apoio político tornou-se fundamental não somente com relação à cessão do terreno onde seria construída a quadra, mas também com relação ao seu uso posterior.

Neste sentido, mesmo com a mudança de algumas escolas de seu lugar de origem e a intensa participação política em suas dinâmicas, pode-se afirmar que os moradores trazem consigo suas referências firmadas no samba, o que se reproduz atualmente na cada vez maior adesão aos blocos carnavalescos e escolas de samba⁵³. Essa territorialidade permite que o morador firme um espaço de referência mediado pelo samba, ainda que este possa se mudar para bairros distantes do local em que morava

⁵³ Diferentemente do que ocorreu com os circos, que foram perdendo seus espaços de manifestação na cidade, as escolas de samba, blocos carnavalescos, rodas de samba, projetos e movimentos de samba estão presentes hoje em praticamente todos os bairros da cidade.

anteriormente. Dentro desse conjunto de situações que envolvem uma reterritorialização de suas práticas sociais – para utilizarmos uma noção de Rogério Haesbaert (2004), muitos freqüentadores do “mundo do samba”⁵⁴ fazem do bairro o lugar para a sua existência libertária na cidade:

Para um indivíduo ou grupo de pessoas, podemos falar numa territorialização como a construção de uma experiência integrada de espaço. Se antigamente era possível detectar claramente um território como experiência total do espaço, como território zona contínuo e relativamente estável, hoje temos esta experiência integrada (nunca total) muito mais na forma de territórios-rede, descontínuos, móveis, espacialmente fragmentados (HAESBAERT, 2004, p.341).

Assim sendo, podemos pensar que os sambistas constroem seus (multi) territórios (Haesbaert, 2004) integrando conjuntamente suas experiências econômicas, políticas e culturais em relação ao espaço, utilizando-se do samba como um elemento mediador. Nesse sentido, esses (multi) territórios encontram no bairro o refúgio para a experimentação e a reconstrução de sociabilidades, embora, como nos lembra o autor, exista a possibilidade de se experimentar vários territórios ao mesmo tempo e a partir daí se formular territorializações efetivamente múltiplas.

Buscaremos ampliar a reflexão sobre o uso do território na cidade de São Paulo a partir de algumas territorialidades conformadas pelas novas dinâmicas surgidas nos últimos anos, quando o carnaval ganhou importância econômica e passou a ser reconhecido como um dos principais eventos anuais da cidade, ativando diretamente o setor turístico, gerando empregos e promovendo negócios.

⁵⁴ A designação “mundo do samba” visa englobar as atividades que têm o samba como o elemento central, dentre elas aquelas que acontecem nas escolas de samba, rodas de samba, bares, casas noturnas especializadas, projetos e movimentos de samba.

“FÁBRICA DOS SONHOS”: A CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO ESPECIALIZADO

No início do ano de 2008, mais especificamente no dia 09/01/2008, a Prefeitura Municipal de São Paulo anunciou a construção da “Fábrica dos Sonhos”, um projeto arrojado que deverá seguir o modelo da “Cidade do Samba” carioca, agrupando em um único local os barracões das escolas de samba do Grupo Especial. Segundo o projeto inicial, a construção será concretizada em um local próximo ao Sambódromo, nos arredores da Marginal Tietê com a Ponte da Casa Verde.

Para as escolas de samba, esta facilidade de acesso será extremamente relevante para o transporte dos carros alegóricos no dias que antecedem o desfile carnavalesco⁵⁵. Esta tendência evidencia a possibilidade de efetivação de uma “mancha do samba”, categoria trabalhada pelo antropólogo José Guilherme Magnani (1998). Na perspectiva deste autor, as “manchas” constituem áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam uma atividade ou prática predominante, sendo que estes equipamentos podem competir entre si ou se complementar.

Segundo o prefeito municipal Gilberto Kassab, “os sambistas terão as condições adequadas para o desenvolvimento de seu trabalho, sendo que serão realizados todos os investimentos necessários pela prefeitura, e o local será administrado pela São Paulo Turismo - SPTuris”⁵⁶.

De acordo com o presidente da São Paulo Turismo – SPTuris, Caio Luiz de Carvalho, este é um investimento necessário pois “durante o ano todo o samba gera direta e indiretamente mais de 100 mil empregos” e a “Fábrica dos Sonhos” deverá impulsionar o turismo em São Paulo. Vale mencionar que a área onde será construída a “Fábrica dos Sonhos” terá um espaço para a realização de shows, eventos culturais e a instalação do Memorial do Samba. Segundo os seus idealizadores, o intuito é o de que a área funcione durante o ano todo:

⁵⁵ É interessante notar a re-territorialização de alguns barracões de escolas de samba, que nos últimos anos foram estrategicamente deslocados para as proximidades do Sambódromo, distanciando-se da sede original das escolas de samba. Para elas, esta facilidade de acesso é extremamente relevante no que se refere ao transporte dos carros alegóricos nos dias que antecedem o desfile carnavalesco. Esta tendência já se evidencia com a presença dos barracões das escolas de samba Império de Casa Verde, Vai-Vai, Nenê da Vila Matilde, Leandro de Itaquera e Gaviões da Fiel.

⁵⁶ Matéria de autoria de Leandro Calixto, publicada no Jornal *Diário de São Paulo* de 10/01/2008 e intitulada: “São Paulo também vai ter sua Cidade do Samba”.

O empreendimento terá um Barracão Escola: um centro de referência para a formação de profissionais de Artes Cênicas, que poderão prestar serviços principalmente para as Escolas de Samba de São Paulo. Outro destaque será a arena “Casa de Bambas”, voltada para shows. A recepção abrigará diversos serviços, dentre eles o tão sonhado “Memorial do Samba Paulistano”. Terá também estacionamento e um ponto para reciclagem e reaproveitamento de materiais⁵⁷

Neste ponto da argumentação, cabe observar que a efetivação desse projeto divide opiniões:

A Fábrica dos Sonhos de São Paulo é uma cópia daquilo que foi feito no Rio de Janeiro (...) Só que o Rio tem outras necessidades, é uma cidade que vive do turismo (...) Lá, se você quiser ver samba de raiz de verdade, tem que ir à periferia (...) Para o turismo de São Paulo a Fábrica dos Sonhos será boa (...) Este projeto faz parte de uma intenção política para a reeleição do atual prefeito (Celso, entrevista realizada em 25/02/2008).

Vale observar que no caso da cidade do Rio de Janeiro, a “Cidade do Samba” foi construída a partir de uma atitude gerencial e empresarial da prefeitura fluminense, em parceria com a Liga das Escolas de Samba. Suas atividades se iniciaram em 2005, em uma área destinada aos barracões das escolas de samba pertencentes ao Grupo Especial.

De certo modo, a “Cidade do Samba” é um produto turístico que foi concebido para a arrecadação mediante a cobrança por ingressos e produtos que lá são vendidos. Assim sendo, mais do que um empreendimento carnavalesco, configura-se como um empreendimento empresarial e turístico, como explica uma de nossas entrevistadas:

As escolas de samba cariocas são hábeis pois sabem que podem vender o carnaval como um produto turístico (...) Em São Paulo, somente agora o carnaval está começando a ser explorado como produto turístico (...) Ao contrário do Rio, os turistas ainda são a minoria absoluta no Sambódromo do Anhembi (...) Eu particularmente acredito que as escolas de samba de São Paulo não são

⁵⁷ Fonte: idem/ibidem.

organizadas no sentido empresarial (...) Mesmo se a Fábrica dos Sonhos ficar pronta, acredito que as escolas de samba irão subutilizar o espaço, pois a organização das escolas de samba de São Paulo é muito diferente das do Rio de Janeiro (Nancy, entrevista realizada em 20/02/2008).

Em razão mesmo desse papel turístico representado pelo carnaval paulistano, alguns estudos foram realizados pela São Paulo Turismo – SPTuris, demonstrando que cerca de 4% do público presente nos desfiles carnavalescos já ocorridos provém de áreas que estão fora da Região Metropolitana de São Paulo. Desse total, 2,5% são brasileiros e 1,5% estrangeiros⁵⁸.

Neste sentido, a “Fábrica dos Sonhos” pode ser pensada como uma forma motivada por processos sociais que, por terem conteúdo, poderão realizar a sociedade paulistana de maneira particularizada (particularidade que se deve exatamente a sua forma). Cabe mencionar que o tratamento do território como forma-conteúdo é uma herança da influência estruturalista em Milton Santos (1985), sobretudo a advinda da lingüística de Roman Jakobson. Este tratamento envolve uma circunscrição espacial, dinamizada pelo conteúdo e por seus fluxos, configuradores das formas.

Como também coloca Antonio Robert de Moraes (2001), o conceito de forma-conteúdo sugerido e utilizado por Milton Santos em algumas de suas obras, ganha significado pelo “usufruto da forma, sua utilização em movimento” (MORAES, 2001, p. 102). Neste sentido, acreditamos que uma possível analogia entre a estrutura urbana de São Paulo e a do Rio de Janeiro permite considerar que a primeira é mais “maleável” do que a segunda, em virtude de sua fisiografia (o que permitiu e ainda permite uma expansão urbana mais horizontal).

No caso da “Fábrica dos Sonhos”, pode-se dizer que será uma forma sobre a qual a sociedade paulistana, representada pelos sambistas, depositará parte de seu dinamismo, realizando-se na interação solidária com o lugar; em arranjos territoriais e organizacionais proveitosos.

Finalmente, vale destacar que de modo geral, o projeto “Fábrica dos Sonhos” tem sido bem avaliado pelos sambistas, conforme relata um de nossos entrevistados:

⁵⁸ Fonte: www.anhembi.com.br

Eu estou feliz com o anúncio da Fábrica dos Sonhos (...) Essa é uma notícia boa para o segmento do carnaval e como sambista tenho por obrigação ficar feliz (...) A Fábrica dos Sonhos é necessária, ela é um sonho antigo dos sambistas (...) Ela intensificará os roteiros turísticos, proporcionará maior infra-estrutura para o carnaval e para as escolas de samba, o que é preciso pois se poderá trabalhar com maior tranquilidade (...) A sociedade e o poder público irão reclamar menos por não encontrar carros alegóricos jogados pela cidade (...) A Fábrica dos Sonhos é uma via de duas mãos, se sair será nota dez (...) Ideologicamente, esta idéia já havia sido proposta há muito tempo, inclusive envolvendo o uso do terreno da aeronáutica localizado próximo ao Sambódromo (...) Antes, todas as escolas levavam os carros alegóricos embora, o que piorava em muito o trânsito (...) Então falamos: “Temos que estacionar estes carros em algum lugar pois senão a cidade entrará em colapso” (...) Imagine, uma cidade como São Paulo na Quarta-Feira de Cinzas, com todos os carros alegóricos nas ruas (Róbson, entrevista realizada em 05/03/2008).

O que até aqui foi expresso é, por uma questão do próprio formato do artigo, uma simplificação dos processos e dos contextos associados aos territórios do samba e da indústria do carnaval na cidade de São Paulo.

Ao retratar o samba na constituição do processo de urbanização e conformação de territorialidades na cidade de São Paulo, duas lógicas tornaram-se evidentes: a da metrópole que transforma o samba em produto para o consumo de ampla massa populacional (com destaque para a festa carnavalesca) e a do lugar, tradicional espaço de cultivo e fruição de vínculos de sociabilidade e pertencimento. Neste sentido, tendo como fio condutor o território, torna-se possível o estabelecimento de um diálogo entre o tradicional e o moderno, verificando-se a forma de integração dos “sambistas contemporâneos” às dinâmicas atuais, bem como a dialética existente entre os territórios do samba e os territórios da indústria do carnaval.

Admitindo-se que toda manifestação cultural é dinâmica, cabe considerar que a questão do tradicional x moderno ou do autêntico x inautêntico se transforma em uma falsa questão quando considerada ao extremo, na medida em que os distintos grupos sociais têm diferentes interesses e visões de mundo; posto que atuam constantemente no contexto do chamado dinamismo cultural.

Considerando-se também o caráter amplo da temática aqui abordada, não é difícil demonstrar que o “mundo do samba” é constituído por uma variedade de eventos. Um detalhamento maior nos revela que estes eventos podem ser ao mesmo tempo produto do lugar e do mundo onde, o “mundo do samba”, emerge como um caleidoscópio de situações que permitem encarar “uma definição atual dos subespaços e o processo histórico que os leva à sua existência e evolução” (SANTOS, 2002, p. 163).

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BRUNO, Ernani da Silva. *História da cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª edição, 1954.

CUNHA, Mário Wagner Vieira da. Descrição da Festa de Bom Jesus de Pirapora. In: Revista do Arquivo Municipal. São Paulo: Departamento de Cultura, vol. XLI, 1937.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1998.

MONBEIG, Pierre. *La croissance de la ville de São Paulo*, Grenoble: Institut et Revue de Géographie Alpine, 1953.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *Capitalismo, Geografia e Meio Ambiente*. Livre Docência. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

MORAES, José Vinci de. *Metrópole em sinfonia. História, cultura e música popular na São Paulo dos anos 30*. São Paulo, Estação Liberdade, 2000.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.

PEREIRA, Paulo. *São Paulo – A construção da cidade entre 1872 e 1914*. São Carlos: Rima, 2004.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. *Lá vem o meu parente: As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

----- *Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência (1808-1822)*. Dissertação (Mestrado). 189f. São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1991.

ROLNIK, Raquel. *Cada um no seu lugar (São Paulo, início da industrialização: geografia do poder)*. 229f Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.

----- . *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 2002.

SCARLATO, Francisco Capuano. Busca do centro – o reencontro com a cidade. In: CARLOS, Ana Fani A.. *Geografias de São Paulo: Representação e crise da metrópole*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 247 -270.

SIMSON, Olga Von. *Branco e negro no carnaval popular paulistano (1914-1918)*. São Paulo, 245f Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons dos negros no Brasil (cantos, danças, folguedos: origens)*. São Paulo: Art Editora, 1988.

TORRES, Lilian de Lucca. Programa de paulista. Lazer no Bexiga e na Avenida Paulista com a Rua da Consolação. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1998.

Documentário:

MELLO, Gustavo; CAMARGO, Y.; FREIRE, L. *Samba à Paulista: Fragmentos de uma história esquecida* (Filme-Vídeo). São Paulo, Fundação Padre Anchieta e Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo, 2007, 3 partes.